

Movimentos juvenis contemporâneos, apropriação do espaço público e os usos da cultura digital: o caso do Ocupa Sampa, os Indignados de São Paulo

Avance de investigación en curso

GT 22 – Sociologia da Infância e da Juventude

Rita de Cássia Alves Oliveira
Fabrício de Oliveira Marson
Luiz Felipe Raia Borges Jorge

Resumo:

Este trabalho apresenta os resultados iniciais da investigação do Ocupa Sampa, a versão paulistana dos Indignados de 2011. Metodologicamente apoia-se sobre a etnografia e acompanhamento das páginas do Ocupa Sampa nas redes sociais *online*, mas principalmente na realização de entrevistas em profundidade junto aos jovens que permaneceram acampados. O objetivo principal é compreender como se deu a relação entre as práticas *online* e as *offline*, como se apropriaram do espaço público e quais os usos das tecnologias digitais. Os resultados aqui apresentados apontam a importância mas ao mesmo tempo as limitações dos usos da internet; tratam ainda da resignificação do espaço público onde ficaram acampados por dois meses no centro de São Paulo.

Palavras-chave: Ocupa Sampa; Indignados, cultura digital

Introdução

Os últimos meses de 2011 trouxeram uma novidade interessante e estimulante: milhares de jovens de várias partes do mundo foram às ruas em 15 de outubro e acamparam em praças e outros espaços públicos em manifestações políticas e culturais originais em muitos sentidos. Alavancados pela crise econômica, os de Nova York ganharam visibilidade mundial; na Espanha, várias cidades receberam suas “acampadas” e também seus modos particulares de ação; em Londres as barracas se colaram à uma igreja turística; na América Latina, nem tão afetada pela crise, Bogotá e São Paulo se fizeram presentes e articuladas. Era o 15O.

O presente artigo apresenta a pesquisa em andamento na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo sobre o Ocupa Sampa, a versão paulista dos Indignados de 2011. São ainda resultados muito preliminares e limitados, mas que apontam pistas interessantes para a compreensão dos atuais movimentos juvenis, os usos das tecnologias digitais e as apropriações territoriais.

A investigação em curso

A investigação aqui anunciada tem como objetivo geral compreender como os jovens se utilizam das redes sociais digitais, especialmente aqueles organizados em grupos de caráter auto-organizativo e extra-institucional. Busca detectar as formas pelas quais se dá a complexa articulação entre o cotidiano vivido no mundo físico e no digital, entre a vida *online* e a *offline*, entre a cidade e a “cibercidade”; pergunta-se de que forma estes grupos juvenis utilizam-se dessas ferramentas digitais de comunicação para agir sobre seus territórios, bairros, regiões, espaços públicos, enfim, a cidade.

Para isso tomou-se como objeto de estudos o Ocupa Sampa em sua dimensão histórica, antropológica, comunicacional e política.

Adotando uma perspectiva multimetodológica e qualitativa, os marcos empíricos da pesquisa desenvolvida desde 2012 envolvem alguns mecanismos de busca que se sobrepõem e se completam. A etnografia foi tomada como marco metodológico privilegiado; a observação participante, a convivência prolongada com o objeto de estudos, a imersão no universo cultural investigado e, principalmente, as trocas e cumplicidades estabelecidas entre os pesquisadores e os jovens do Ocupa Sampa foram fundamentais realizada nas atividades do Ocupa Sampa por ocasião do acampamento, quanto nas atividades do grupo em 2012 e 2013. Os vários perfis e páginas do movimento no Facebook¹ foram acompanhados durante esse período, assim como o site de caráter mais oficial do grupo².

O trabalho de campo foi intensificado, no primeiro semestre de 2013, com a elaboração de entrevistas em profundidade com alguns participantes ativos *offline* no acampamento ocorrido entre outubro e dezembro de 2011 no centro de São Paulo; alguns entrevistados foram identificados e contatados durante as outras etapas da investigação e, pouco a pouco, os próprios entrevistados acabaram por indicar outros participantes ativos e de atuação significativas durante o acampamento. A utilização de um roteiro semi-estruturado propiciou a emergência de elementos característicos das histórias de vida; ao se pedir que os entrevistados contem sua história foi possível captar, desde a perspectiva desses sujeitos, as conexões e sentidos das experiências vividas naquelas semanas. É comum nesta estratégia de abordagem o afloramento de dimensões afetivas e valorativas, assim como os contextos pessoais que deram origem ao relato. Cada entrevista teve a duração de cerca de duas horas e o entusiasmo dos entrevistados em rememorar as experiências vividas foi uma marca dessa etapa do trabalho de campo. Os entrevistados estão, neste trabalho, identificados apenas por codinomes específicos (“Indignado 1”, “Indignada 2”) em respeito à privacidade dos depoentes. O quadro a seguir apresenta a listagem dos entrevistados:

Identificação	Idade	Tipo de participação	Gênero
Indignado 1	23 anos	Comissão de Segurança	Masculino
Indignada 2	22 anos	Comissão de Comunicação	Feminino
Indignado 3	30 anos	Comissão de Comunicação	Masculino
Indignada 4	22 anos	Comissão de Comunicação	Feminino
Indignada 5	27 anos	Comissão de Segurança	Feminino
Indignado 6	29 anos	Comissão de Comunicação e Recepção	Masculino
Indignada 7	31 anos	Comissão da Cozinha e Recepção	Feminino
Indignada 8	26 anos	Chegou depois da primeira semana, fazia de tudo um pouco. Ficava bastante na cozinha	Feminino

Contexto de emergência do Ocupa Sampa

“Tentando mudar o mundo, acabamos mudando a nós mesmos” (Indignada 5)

¹Perfis e páginas do Ocupa Sampa no Facebook: <https://www.facebook.com/acampasampa?fref=ts>; <https://www.facebook.com/OcupaSampaAcampaSampa?fref=ts>; <https://www.facebook.com/ocupasp?fref=ts>

²Site do Ocupa Sampa: <https://ocupasampa.milharal.org/>

Desde 2008, tendo como motivo inicial a crise financeira que se abateu no mundo capitalista, diversos movimentos sociais, em protesto aos seus governos locais, eclodiram, sejam eles contrários aos mecanismos utilizados por seus governos na tentativa de solucionar os problemas trazidos pelas crises ou sejam eles partes de uma causa maior, como é o caso da Primavera Árabe, em que, junto com a crise financeira, se abateu também uma crise na governança, na medida em que a população se levantou contra as ditaduras e monarquias que governavam, como no Egito, ou ainda governam o país, como é o caso da Síria.

É neste cenário de conturbações econômico-sociais que também se encontra uma grande nação capitalista ocidental, a Espanha. A Espanha, assim como diversas outras nações, em resposta à crise financeira, adotou severas medidas de austeridade, que concomitantemente com a alta taxa de desemprego entre a população jovem, protestos em outros países da região (Grécia, Portugal, Islândia) e também o pequeno livro de Stéphane Hessel, *Indignai-vos!*, levou a população a se reunir nas ruas para protestar.

A população espanhola, descrita como “los desempleados, los mal remunerados, los subcontratados, los precarios, los jóvenes” pelos Indignados no portal ¡Democracia Real Ya!³, foi às ruas em um momento em que a taxa de desemprego atingiu os 20%, junto aos planos de austeridade impostos pelo governo e do resgate financeiro fornecido aos grandes bancos. Inicialmente o governo adquiriu uma postura tolerando com os protestos, porém com o decorrer dos eventos e o aumento no número de manifestantes, a polícia começou a usar de violência, gerando conflitos com os manifestantes.

Os protestos da Espanha se iniciaram na rede, especialmente no Twitter, como meio para a organização de movimentos de ocupação. Em um sociedade globalizada e intrinsecamente conectada, as redes sociais forneceram aos movimentos sociais modernos os meios para os quais eles possam, apesar da heterogeneidade da sociedade contemporânea, agrupar os indivíduos e, mesmo com objetivos e reivindicações diversas, sair da rede social e ir as ruas para mostrar a indignação popular, ou seja, o levante popular pode ser considerado em dois momentos, sendo um *offline* e outro *online*. O momento *online*, que foi basicamente onde começou a movimentação, teve como intuito articular os indivíduos, em que as informações dos acontecimentos deixou de ser gerida apenas pelas grandes mídias e corporações, mas sim pela população, por diversos estudiosos e analíticos, que fornecem visões alternativas para os acontecimentos, e posteriormente clamando por mudanças na governança. Um segundo momento, ainda *online*, seria a divulgação dessas diferentes informações e visões e o grande compartilhamento das mesmas com a grande população, altamente conectada, e a partir desse ponto sair do online e ir para o off-line. O momento *offline* é o que gera a grande visibilidade para insatisfação, através das ocupações das grandes vias e órgãos oficiais, é o momento dos encontros presenciais, das trocas, dos avanços coletivos; é o momento da plena realização do movimento.

Esses protestos na Espanha ficaram conhecidos como os Indignados, nome esse oriundo do livro de Stéphane Hessel, que discorre sobre o fato de o levante da população ocorrer é a indignação do povo em relação às atitudes do governo. O uso das plataformas digitais e das redes sociais foi o principal mecanismo para a organização do movimento, sendo o ¡Democracia Real Ya! a principal fonte de informações sobre os movimentos, onde encontram-se o manifesto do movimento, a lista de grupos associados (para comprovar que o movimento não possui nenhum vínculo político com partidos e/ou sindicatos etc.) e todos os objetivos do movimento que, por se tratar de um movimento muito heterogêneo, possui variadas reivindicações, como a defesa de direitos sociais e reformas governamentais (reforma eleitoral, maior transparência

³Portal “Democracia Real Ya!”: <http://www.democraciarealya.es/> .

etc). O movimento espanhol possui um canal no YouTube⁴ com um amplo arquivo de documentários, campanhas e vídeos das manifestações. Nas páginas no Facebook⁵ atualizam seus seguidores sobre novas articulações e também com informações a respeito de suas reivindicações e resultados. A uma página no Twitter⁶, sua principal plataforma social na web que possui atualmente mais de duzentos e vinte mil seguidores e é uma conta verificada pela própria empresa do Twitter, o que confere uma maior credibilidade quanto à sua autoria; além de promover e convocar as pessoas para irem as ruas, também informa os cidadãos sobre informações relevantes para o movimento, como dados sobre impostos, segurança, saúde etc.

“Por todo lo anterior, estoy indignado. Creo que puedocambiarlo. Creo que puedoayudar. Sé que unidos podemos. Sal connosotros. Es tu derecho.” É assim que termina o manifesto do ¡Democracia Real Ya!, com o grupo ressaltando sua indignação, mostrando vontade de lutar por mudanças e convocando, na rede, toda a população, afirmando que juntos eles podem ser capazes de transformações no âmbito governamental.

Na contramão dos países europeus e dos Estados Unidos, que passavam por uma longa crise econômica que refletia em desemprego, endividamento da população, expropriação de moradias e muitos outros problemas que ela carrega, o Brasil vivia a situação oposta. Com a economia crescendo a cada ano, baixo índice de desemprego e o consumo em alta, o Brasil passava por uma de suas melhores fases econômicas das últimas décadas. Porém, mesmo com uma certa satisfação econômica, os problemas do Brasil ainda persistem de maneira enraizada; a precariedade educação e saúde públicas, escândalos políticos, precária infraestrutura de habitação e imensa necessidade de reforma política, são alguns dos aspectos que faziam parte do contexto do Brasil em 2011.

Em São Paulo, alguns movimentos juvenis estão na base de emergência do Ocupa Sampa. Em maio de 2011 a Marcha da Maconha⁷ – movimento pela descriminalização da *cannabis* em vigor desde 2007 – atraiu os olhares do país por conta do violento confronto entre os manifestantes e a polícia. Bombas de efeito moral, balas de borracha, cassetetes e prisões fizeram parte “espetáculo” apresentado pela Polícia Militar do Estado de São Paulo contra manifestantes armados com faixas, gritos, apitos, indignação e sede de mudança. O fato repercutiu significativamente nas redes sociais digitais, a notícia era quase viral no Facebook, a mobilização foi imensa e, dias depois, aproximadamente cinco mil pessoas saíram às ruas para a então nomeada “Marcha da Liberdade”⁸ pela liberdade de expressão, pessoas de todas as áreas, cores e ideologias fizeram parte do protesto que dizia em seu manifesto:

“Não somos uma organização. Não somos um partido. Não somos virtuais. Somos REAIS. Uma rede feita por gente de carne e osso. Organizados de forma horizontal, autônoma, livre. Temos poucas certezas. Muitos questionamentos. E uma crença: de que a Liberdade é uma obra em eterna construção. Acreditamos que a liberdade de expressão seja a base de todas as outras: de credo, de assembleia, de posições políticas, de orientação sexual, de ir e vir. De resistir. Nossa liberdade é contra a ordem enquanto a ordem for contra a liberdade.”⁹

Alguns meses depois, em outubro de 2011 chegou por meio do Facebook e Twitter o chamado global convocando a população mundial para a mobilização global dos que se sentiam desconfortáveis

⁴Canal do Real DemocraciaYa! No YouTube: <http://www.youtube.com/democraciarealya>

⁵Páginas do Real DemocraciaYa! No Facebook: <https://www.facebook.com/democraciarealya> ; <https://www.facebook.com/AsociacionDRY>

⁶Página do Real DemocraciaYa! No Twitter: <https://twitter.com/democraciareal>

⁷Portal da Marcha da Maconha: <http://marchadamaconha.org/>

⁸<https://www.facebook.com/marchadaliberdade>

⁹Trecho do Manifesto da Marcha da Liberdade exposto no livro “Movimentos em Marcha – Ativismo, Cultura e tecnologia”, disponível em <https://emmarcha.milharal.org/files/2013/05/MOVIMENTOS-EM-MARCHA-livro.pdf>

com a situação econômica, política e social de seus países. Alguns dos jovens que participaram das marchas sentiram-se convocados e, dias depois, estavam acampados no Vale do Anhangabaú no centro inóspito da cidade, como afirmam alguns dos entrevistados:

“Recebi o chamado global, que era compartilhado a todo momento na Internet, me identifiquei e resolvi ir. Eu nunca tinha participado de nenhum movimento formal, apenas presenciado ocupações de prédios (Prestes Maia e São João) e morado na ocupação São João, o que me deu uma certa bagagem sobre o assunto, pois foi lá que tive noção do que era uma organização de pessoas para um movimento social”. (relato do Indignado 3)

“Eu acompanhava tudo que acontecia na Espanha e nos EUA, em Wall Street, e via os comentários das pessoas (brasileiras) nos posts. Foi por meio dessas notícias revolucionárias que começamos a interagir nos comentários, nos identificamos como moradores de São Paulo, até marcamos uma reunião no vão do MASP, foi lá que tivemos o primeiro contato.” (relato da Indignada 7)

Atendendo a este chamado, jovens de São Paulo, em sua maioria integrantes de outros movimentos sociais, engajados em manifestações políticas, e universitários de diversas áreas, organizaram-se a manifestação aos moldes das acampadas e aos *Occupys*, dos Estados Unidos e Espanha. Propondo uma manifestação consistente e com caráter inovador, acamparam por cerca de dois meses no centro da cidade de São Paulo. Entre 15 outubro e dezembro, conseguiram agrupar cerca de 250 barracas e por volta de 600 jovens.

“Via as pessoas comentando no Facebook e no CMI (Centro de Mídia Independente) sobre o Ocupa Sampa e ficava muito curiosa, não sabia direito sobre o que se tratava. Então cheguei na semana seguinte ao 15 de outubro, não participei das primeiras assembleias e atividades. No começo eu trabalhava e não podia dormir todos os dias, tinha que ir pra casa para me arrumar para o trabalho, mais sempre estava por lá pois morava bem perto do Vale. Algumas vezes algumas pessoas até vinham tomar banho aqui na minha casa, algumas que eu nem conhecia.” (Indignada 8)

As bandeiras do Ocupa Sampa foram diversas. Diferentemente das reivindicações europeias e estadunidenses, que se fundamentavam na luta contra a crise econômica e nos problemas que ela refletia, assim como na luta pela democracia real e pelo fim do desemprego, em São Paulo a mobilização foi motivada por problemas um pouco diferentes. Levantaram bandeiras por uma democracia direta, participativa, real e verdadeira, que os cidadãos tenham voz para decidir sobre as questões que os afetam no cotidiano. Gritaram contra especulação imobiliária e a falta de moradia para a população mais pobre, causas ambientais, corrupção, legalização da maconha, contra o sistema penal, melhorias no transporte, 10% do PIB para educação pública e gratuita, reforma da estrutura política, além da crítica ao sistema econômico capitalista e a desigualdade social. E o principal grito: os políticos que estipulam leis desiguais e tendenciosas, que decidem destruir florestas e varrer populações indígenas para a construção da Usina Belo Monte¹⁰ por exemplo, que usam dinheiro público para benefício próprio, que usam e abusam de regalias, que ordenam seus agentes de segurança – policiais - a

¹⁰A Usina Hidrelétrica de Belo Monte é uma central elétrica que está sendo construída no Rio Xingu, e sofreu repúdio de movimentos ambientalistas por causar um imenso impacto ambiental. A obra alterará o regime de escoamento do rio, o que prejudica a fauna e a flora do local, além de causar um impacto na vida de diversas populações indígenas que residem no local.

agirem com violência e abuso de autoridade para cima dos menos favorecidos, “não nos representam”, como aponta o artigo escrito na época por um dos manifestantes entrevistados:

“Algumas vezes somos confundidos com movimentos direitistas contra a corrupção. Evidentemente que somos contra corrupção, mas esse tema nem surge em nossos manifestos ou meios de divulgação. Quando gritamos "Não nos representam!" não é que um ou outro político não nos representa, mas que o sistema político não é capaz de nos representar. Soma-se a isso a compreensão de que a corrupção é inerente ao sistema capitalista, ela é apenas uma face do capitalismo mais frequente em países periféricos. Dessa forma, a luta contra a corrupção entra somente como efeito colateral daquilo pelo que lutamos.”¹¹

O Ocupa Sampa definiu-se, ainda como um movimento pacífico, não violento, plural, horizontal e apartidário, que não compactuava com hierarquias, lideranças, votações, preconceitos, violência e representatividade ¹².

Usando as redes sociais digitais (Facebook, Twitter, YouTube) como eixo central de divulgação do movimento, mobilizaram centenas de pessoas a irem para o Vale do Anhangabaú. No acampamento se organizaram em comissões de trabalho, como relata um dos entrevistados:

“No primeiro dia separamos as comissões do acampamento. As primeiras foram: Comissão de Alimentação/cozinha; Comissão de Segurança e Comissão de Ação Direta, que pensava formas de se manifestar, formas de agir que fujam do modelo tradicional de passeatas. Queríamos construir coisas novas” (Indignado 1)

Criaram a Comissão de Comunicação, responsável pela divulgação do movimento, de comunicação com os veículos tradicionais de informação; a Comissão de Infraestrutura, a de Atividades Culturais e Oficinas, a Comissão de Alimentação, a de Organização da Agenda de Atividades, a Comissão de Segurança (que protegia o acampamento dos ataques noturnos promovidos por Punks e Neo-Nazistas), a Comissão de Recepção (que era encarregada de apresentar o movimento aos “curiosos” e aos novatos) e a Comissão de Ação Direta (que organizava as ações externas ao acampamento). O trabalho e a convivência cotidianos afetaram aqueles jovens:

“Sem medo de sonhar. Vamos construir aqui o que é a verdade, o que é uma Democracia Real. Temos que construir uma nova configuração social a partir dessa praça.” (Indignado 1)

“Comecei a aprender política dentro do grupo porque a troca de saberes entre as pessoas era incrível.”. (Indignada 7)

Foram visitados por americanos, ingleses e colombianos que participavam das ocupações e acampamentos em suas cidades; estes forasteiros traziam notícias e palavras de estímulo aos jovens de São Paulo e um sentimento cosmopolita pairava no ar. Vários movimentos sociais – como o dos sem-teto, o de defesa do bairro da Luz contra o projeto do governo ou o de defesa do uso da bicicleta na cidade – engrossavam a discussão com suas pautas diversificadas. O Ocupa Sampa transformou-se num lugar de encontro desses movimentos, que agora tinham que se adaptar aos *modus operandi* criados no dia-a-dia. Aqui, a idéiagramsciniana de uma cultura cotidiana “vivamente experimentada” ganhou um sentido radical e intenso.

¹¹Trecho retirado de um artigo escrito pelo Indignado 6, presente em <http://www.misturaindigesta.com.br/2011/10/coluna-do-leitor-sobre-ocupacao-do.html>

¹²Todas as bandeiras são encontradas em um de seus Manifestos: <https://ocupasampa.milharal.org/nosso-manifesto/>

A apropriação do espaço público

O Vale do Anhangabaú se transformou; o Ocupa Sampa trazia nas entrelinhas reivindicação do direito à cidade (Lefebvre, 1991).

Equipados com geradores de energia, computadores, internet 3G, câmeras fotográficas e de vídeo, microfones e megafones promoveram no espaço público ocupado inúmeros eventos educativos e festivos, assembleias abertas, oficinas de arte e aulas públicas, a maioria exibidas *online* e ao vivo. Estenderam faixas, cartazes, divulgaram, chamaram pessoas, debateram, acolheram moradores e crianças de rua, procuraram ajuda e receberam doações de alimentos e equipamentos. Construíram uma mini-horta orgânica no canteiro da praça, trabalharam com o lixo, separaram-no e reciclaram. Foram realizadas dezenas de assembleias nas quais não se votava nada, tudo era decidido por consenso, todos tinham o direito de expor suas opiniões e reivindicar o que não lhes agradava. Uma vez decidido em assembleia e, por consenso, que os partidos políticos não teriam presença ou voz naquele movimento, passaram a criar procedimentos, gestos e palavras que dessem conta dessas novas práticas políticas emergentes. Chamam a atenção os rituais de alimentação que ali foram criados; a comida era gerida coletivamente, incluindo as crianças e os moradores de rua. Diariamente preparavam refeições que atendiam à diversos gostos e inclinações, com destaque para as práticas vegetarianas alinhadas aos posicionamentos ideológicos e críticos. Recebiam alimentos, água, tintas, cobertores, gás e outras necessidades vindas de simpatizantes e pequenos empresários.

No lugar das tradicionais marchas e passeatas, vimos no Ocupa Sampa centenas de jovens que permaneceram sob o Viaduto do Chá, bem no centro de São Paulo, por várias semanas. David Harvey comentou em uma conferência na PUC-SP:

“às vezes as cidades se tornam centros de movimentos revolucionários; podemos pensar as cidades como instrumentos pelos quais as revoluções surgem. Em *Occupy Wall Street* as pessoas chegavam e ficavam, isso foi o mais interessante. Devemos pensar sobre a ocupação das cidades, e não das fábricas (e meus amigos marxistas não gostam de ouvir isso)”¹³.

Ocupar as cidades, permanecer nas ruas e nas praças, revitalizar os espaços públicos por meio da sociabilidade parece ser a grande transgressão nesta época dos não-lugares, da privatização das vidas e dos espaços de convivência, da volatilidade e da descartabilidade. Com a apropriação espaço público e construção do território promovida pelo Ocupa Sampa, percebemos a transformação de um não-lugar - que antes fazia parte apenas do fluxo do centro da cidade, permeado pela impessoalidade e acolhido pelo vazio da metrópole - em um lugar (Augé, 2010), como relata um dos manifestantes:

“O Vale do Anhangabaú era um lugar meio macabro para mim. Além de ficar no centro histórico de São Paulo, onde a energia já é um pouco mais pesada, no início do Brasil, quando o Vale ainda era um vale de rio, os Bandeirantes “desovavam” os corpos dos indígenas mortos por eles. Então, sempre que passava por lá, isso vinha à minha cabeça. Hoje, quando volto ao Vale, me recordo bem mais do que vivemos ali e não o vejo mais como eu via antes do Ocupa Sampa” (Indignada 7)

¹³ Cf. Conferência de David Harvey, Teatro da PUC-SP, em 27 de fevereiro de 2012: <http://www.youtube.com/watch?v=qMRsV7XWKqU&feature=context&context=C3a3057cUDOEgsToPDskJudIVHgGzwumBLufakKpZj>. Acessado em 25 de setembro de 2012.

Entretanto, permanecer no centro de São Paulo tornou-se um problema para o Ocupa Sampa. Conflitos com moradores de rua, traficantes de drogas e o certo isolamento frente às camadas médias da sociedade fizeram com que decidissem pela mudança e deslocaram-se para a Av. Paulista, na Praça do Ciclista, coração financeiro e palco de manifestações políticas e culturais da cidade, onde passaram mais alguns dias acampados até serem retirados daí violentamente pela polícia. Em maio do ano seguinte ocuparam ainda a Praça Charles Muller, em frente ao estádio do Pacaembu, respondendo ao chamado global 15M, mas a desmobilização, o frio e a chuva fizeram com que a ação durasse apenas dois dias, quando encerraram as ações de acampadas e passaram a se reunir todas as quartas-feiras para o CineOcupa, onde exibem filmes e documentários seguidos de debates abertos e bastantes participativos, mas envolvendo apenas duas ou três dezenas de participantes.

Os usos da cultura digital

Chama a atenção nos movimentos sociais contemporâneos os usos das tecnologias digitais, especialmente das redes sociais *online*. Meses antes, a Primavera Árabe já apontava a importância do Twitter e do Facebook na organização das intensas manifestações políticas e agora aqueles jovens paulistas percebiam a importância dessas ferramentas para o movimento que nascia. Formou-se então a primeira das muitas comissões do Ocupa Sampa, a Comissão de Comunicação, que montou uma pesada estrutura de informação sob o Viaduto do Chá: geradores de energia, cabos, computadores, câmeras, microfones e conexões 3G que permitiam as transmissões ao vivo via internet das assembleias, shows e aulas públicas. Alimentar e responder às demandas vindas pelas redes sociais tornou-se tarefa árdua frente à intensa demanda de contatos. Se no início e durante o movimento o entusiasmo com estas ferramentas digitais empolgou os acampados e os pesquisadores do assunto, pouco a pouco começou-se a afirmar que “a revolução se dá nas ruas, e não no Facebook”. O território informacional da internet funcionou como eixo central de divulgação dos movimentos ao redor do mundo, permitindo que divulgassem e estabelecessem intercâmbios culturais, compartilhassem ideias e experiências, mesmo que espacialmente distantes, mas conectados por uma rede que ultrapassava a fronteira espacial

Os usos sociais das tecnologias (Martín-Barbero, 2004) recolocam e amplificam a característica das comunidades *online* que constituíram a cultura da internet: o valor da comunicação livre e horizontal e “a formação autônoma de redes como instrumento de organização, ação coletiva e construção de significado” (Castells, 2003: 48). Nestas narrativas digitais estes jovens são agentes e sujeitos que atuam de forma a moldar estruturas sociais. São simultaneamente consumidores/receptores e produtores/emissores de idéias, de sentidos, de estéticas, formas e conteúdos. Para Martín-Barbero, o domínio dessa técnica – de intercâmbio e divulgação da informação de maneira independente – se converte em terreno de luta. É uma ferramenta de construção e reconstrução da realidade e, neste sentido, funciona como um anexo da realidade, do espaço público, uma extensão das ruas, um aparato virtual que se articula em rede e concebe uma força gradativa às movimentações, pois não são mediadas pelos veículos tradicionais de informação que distorcem e tendenciam notícias de acordo com seus interesses. A internet permite a invenção, se traduz em campo de resistência, de luta.

Pierre Levy e André Lemos (2010) apontam uma reconfiguração da esfera pública perante a expansão e a popularização dos meios de acesso à internet. O ambiente virtual proporciona ações coletivas que potencializam as ações pró democracia na sociedade. Levy aponta a computação social como explanadora da interconexão, comunidade virtual e inteligência coletiva, que por sua vez proporcionam, segundo o autor, o aumento das possibilidades de articulação da inteligência coletiva que posteriormente se traduz como voz do povo. Os fenômenos que permeiam o ciberespaço, os quais são: “libertação da palavra e polo de emissão, reconfiguração social e conexão”. A internet propõe um espaço inclusivo, universal e transparente, faz com que indivíduos se desprendam dos meios

tradicionais de comunicação e construam seu próprio produto midiático. A cibercultura reconfigura e redireciona práticas e mídias, uma vez que possibilita meios inclusivos, debates universais e articulações transparentes, aspectos que potencializam a transformação das estruturas sociais, praticas comunicacionais e instituições.

Devido à grande preocupação com a possível infiltração de policiais a paisana na acampada, os manifestantes sentiram a necessidade de uma rede comunicativa secreta fora do perímetro ocupado; necessitavam de uma articulação interna via internet para resolverem questões sobre as atividades propostas, ações diretas, atos e aulas publicas, pois chegaram em um momento que não se podia mais falar em Ação Direta em assembleias gerais devido ao receio de ter algum policial infiltrado que possa barrar a ação antes dela acontecer. Então, com a ajuda de alguns dos integrantes do Anonymous BR – grupo anônimo de hackers ativistas que reivindicam democracia na rede e algumas questões em comum com o Ocupa Sampa – que estavam presentes na ocupação, criaram, com todos aqueles efetivos interessados no assunto, uma conta de email coletivo na plataforma *RiseUP*¹⁴ para discutirem tais assuntos sem o perigo de serem descobertos ou identificados. Neste email usavam nomes falsos.

As impressões sobre a importância das redes sociais *online* não é unanime entre os entrevistados, que reconhecem sua importância dentro do movimento e o grande poder de comunicação que ela nos possibilita, porem apontam suas limitações, como relata o a opinião do Indignado 6 nos aponta outros elementos que podem ser pensados:

“Toda vez que me perguntam sobre isso, sinto a necessidade de falar que sim, foi importante. No entanto, não foi só isso que nos diferenciou das outras lutas sociais. Esta historia de redes sociais, na minha opinião, sempre foi muito superestimada e, acho que o Ocupa não foi o que foi só por causa das redes sociais, elas tiveram seu papel obviamente, mas a característica distintiva do Ocupa Sampa em relação a outros movimentos sociais, principalmente os do começo da década que são mais parecidos, é o fato de que ficamos ocupando a praça. Então, se pensarmos, os outros movimentos de protesto... eles tinham um modelo de organização onde as pessoas se juntavam, saiam às ruas em grandes passeatas e voltavam para suas casas. A grande diferença é que o Ocupa permaneceu no espaço publico, e é isso que é inovador. Isso é a marca do Ocupa.” (Indignado 6)

Os usos desses dispositivos de comunicação traçam as intenções de cada um de seus usuários, pois possibilitam infinidades de meios de utiliza-las, e a maioria usa das redes sociais para expandir seu leque de informações e entrar em contato com um cotidiano fora de seu ciclo de amizades. O Indignado 3, por exemplo, citou que usa seu Facebook para se informar, para receber noticias que não condizem com seu cotidiano de informação.

“Escuto pessoas dizendo que o Facebook não serve para nada e que é desinteressante. Para mim não é, lá recebo noticias do mundo inteiro por que direciono meu uso à isso. Além de utilizar para me comunicar, é claro!” (Indignado 3)

O mesmo entrevistado aponta com clareza as limitações do uso do Facebook e do Twitter durante aquelas semanas de acampamento:

“O uso da Internet acabou limitando, ao meu ver, um pouco da comunicação do movimento. A internet não atinge a todos, o pessoal da periferia não escutava o que nós

¹⁴RiseUP é uma plataforma de e-mail coletivo gratuita para países subdesenvolvidos.

dizíamos e, em tese são os que mais precisam das melhorias reivindicadas pelo movimento. Ninguém foi na favela divulgar nosso movimento!” (Indignado 3)

Considerações finais

A redes sociais *online* são, atualmente, expressões das redes sociais *offline* e, mais que isso, expressão de sua complexificação (Recuero, 2009). Ao cotidiano vivido nas ruas corresponde a constituição de uma *cidade digital* por meio de *ciberinstrumentos* (Lemos e Levy, 2010) que dinamizam a participação ativa, melhoram o desempenho de instituições e grupos juvenis, pressionam os poderes públicos e concretizam a construção de inteligências coletivas, processo tão alardeado e pouco analisado concretamente.

Reafirma-se a íntima relação entre a vida *online* e a *offline*, entre o “real” e o “virtual”, como se costumava dizer nos anos 1990. O usos que estes jovens fazem dos blogs e outras redes sociais digitais mostram que estas ferramentas são o meio para se atingir os objetivos dos grupos, não são a finalidade principal do grupo. Sabemos que as práticas *online* acentuam as *offline*, não há uma contradição, pelo contrário, estão articuladas. Verificamos também que existe uma forte relação entre os usos das ferramentas digitais de comunicação e as ações territoriais locais, entre a cidade e a *cibercidade*, entre o local e o global em favor do empoderamento e a criação juvenis.

Referências

- Castells, M. (2003). A galáxia da Internet. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lemos, A. & Levy, P. (2010). O futuro da internet. São Paulo: Paulus.
- Levebvre, H. (1991) O direito à cidade. São Paulo: Centauro.
- Martín-Barbero, J. (2004). Ofício de cartógrafo. Travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Loyola.
- Recuero, R. (2009). Redes sociais na Internet. Porto Alegre: Sulina.
- Hessel, S (2011). Indignai-vos. São Paulo: Boitempo.